



DIRETOR: HENRIQUE NEVES  
 ANO 45 | N. 2210  
 07 DE SETEMBRO DE 2022  
 EDIÇÃO DIGITAL  
 SEMANÁRIO

# maré viva

JORNAL REGIONAL DE ESPINHO



opinião  
2



espaço  
cidadão  
10



# O QUE FOI E O QUE SERÁ DA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL?

## educação

4, 5, 6, 7, 8, 9



PUB

ÓCULOS DE  
LONGE OU PERTO

# 25€

ÓCULOS  
PROGRESSIVOS

# 75€

## Opticenter

*Está no ar!*

ESPINHO  
RUA 23, N.º 374  
(JUNTO AO MERCADO)

☎ 224 082 790

PREÇOS INCLUEM ARMAÇÃO ATÉ 25€ PVP - LENTES BASIC ATÉ 2 DIOPTRIAS ESF./CIL.  
 NÃO ACUMULÁVEL COM CAMPANHAS/PROMOÇÕES/PROTOCOLOS VICENTES. IVA INCLUIDO À TAXA LEGAL EM VIGOR.

# opinião

## O toque entre os vértices do Ensino e da Aprendizagem



As minhas competências e tenro percurso profissional nunca me permitiriam tecer as mais corretas considerações em torno do Ensino, tema que domina esta primeira edição temática do percurso do (ainda) jovem Maré Viva. Ainda assim, e desconhecendo todas as suas arestas e paralelas, é-me permitida uma reflexão sobre o assunto. A reflexão é uma virtude, e também um direito, embora nem sempre o pareça. Frequentei, durante todo o meu percurso académico, o Ensino Público. Recordo-me de não querer férias, e de ter vontade de passar o verão a brincar na “escola”, como ternamente me recordo dela; da poeira do recinto de recreio; das janelas embaciadas, e do cinzento que refletiam. Mesmo em criança, sempre senti aquele lugar como passageiro. Tinha consciência da sua finitude, e sentia o peso dessa realidade. A certa altura, ao invés de pensar que frequentava o oitavo ano (a título de exemplo), invertia a tónica dos cálculos. Pensava: “faltam quatro anos para entrar na vida dos adultos”. Hoje, percebo que pouco há de poético nesse raciocínio. Gostava da “escola” por razões egoístas, e o seu prolongamento numa qualquer matriz cronológica significava mais tempo para a inocência, para o “amanhã” continuar perdido num nevoeiro qualquer. Aprendi muito. Ou melhor: ensinaram-me muito. Não consigo discernir entre a forma mais correta de passar a mensagem anterior: se a primeira,

se a segunda. Nem sempre se aprende tudo o que é ensinado. Assim como nem sempre se ensina tudo o que se aprendeu. É recorrente, em debates sobre o tema, ouvirmos interrogações como: “o que é que estamos a ensinar às nossas crianças?”; “que futuro é que estamos a construir?”; “qual é o papel da escola na vida de cada um?”. Pois bem, talvez fosse salutar regressar à lógica da inversão, colocar o ‘ponto’ num outro ‘i’, e questionar, sim, mas de outra maneira. Tendemos a esquecer-nos de que apenas as perguntas diferentes gerarão respostas novas: “o que é que as nossas crianças estão a aprender connosco?”; “o que é que o futuro poderá exigir delas?”; e “que papel tem cada um destes seres no ecossistema da ‘escola’?”. O relevo tem de estar nos estudantes, parece-

me. Quando colocamos a “escola” ao centro, discernimos em torno de um conceito, de uma ideia. Quando nos focamos em quem a frequenta, atentamos na forma como a vida poderá ser afetada de forma real e direta pelo tal “conceito”. Talvez esta última marque mais do que a eterna busca por um ideal pseudo-perfeito, discutido em torno de uma mesa “de gente grande”, que vá acariciando o ego a cada contributo para a conversa. Aquilo que se ensina, e aquilo que se aprende, têm de se “tocar”, ainda que não o façam em toda a sua extensão, evidentemente; a riqueza estará, algures, acredito, nesse contacto. Inevitavelmente, e quase de forma sorrateira, passeia-me pelo pensamento “A Criação de Adão”, de Michelangelo, e o par de indicadores afastados, congelado no tempo.

### ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ESPINHO



#### EDITAL

#### 1.ª SESSÃO ORDINÁRIA DO ANO 2022

José Emanuel Teixeira Carvalhinho, Presidente da Assembleia Municipal de Espinho:

-----Faz público, de acordo com o artigo 27.º da Lei nº 75/2013, de 12 de setembro (na redação em vigor) e em conformidade com o artigo 29.º Regulamento Interno, que no próximo dia **20 de setembro de 2022, pelas 21.00 horas, no Centro Multimúltiplo de Espinho**, iniciar-se-á a 4.ª sessão ordinária de 2022 desta Assembleia Municipal. -----

Sem prejuízo do que vier a ser estabelecido na Ordem do Dia, conforme as regras contempladas no nº 1 do artigo 33.º da referida Lei, bem como no nº 2 do artigo 32.º do Regulamento Interno, prevê-se a inclusão dos seguintes assuntos: -----

1. Assuntos agendados para o período de antes da ordem do dia;
2. Deliberar sobre a 2.ª Alteração Modificativa aos Documentos Previsionais 2022;
3. Deliberar sobre os Contratos Interadministrativos de Delegação de Competências, no Domínio da Educação, do Município de Espinho nos Agrupamentos de Escolas Dr. Manuel Gomes de Almeida e Dr. Manuel Laranjeira para o período compreendido entre 1/9 a 31/12 de 2022;
4. Deliberar sobre a adenda aos Contratos Interadministrativos de delegação de competências nas freguesias no âmbito do investimento em infraestruturas e rede viária – Freguesia de Espinho e União de Freguesias de Anta e Gueim;
5. Deliberar sobre a 2.ª Alteração ao Mapa de Pessoal 2022;
6. Deliberar sobre a proposta de celebração de adenda ao “ACORDO DE TRANSFERÊNCIA DE RECURSOS DO MUNICÍPIO DE ESPINHO PARA AS FREGUESIAS DO CONCELHO para atualização dos recursos financeiros para 2023 (Anta e Gueim, Espinho, Paramos e Silvado);
7. Deliberar sobre a aplicação automática das tarifas Sociais da Água, Saneamento e Resíduos Sólidos Urbanos;
8. Deliberar sobre a proposta de projeto de reativação do Regulamento do Conselho Municipal de Juventude de Espinho;
9. Deliberar sobre a candidatura da Arte-Xávega de Espinho ao Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial;
10. Deliberar sobre a proposta de Plano Municipal para a Igualdade e Não Discriminação de Espinho;
11. Deliberar sobre propostas que visam prosseguir as atribuições da Autarquia;
12. Aprovar as atas;
13. Apreciar as informações escritas do Presidente da Câmara acerca da atividade Municipal;
14. Deliberar sobre a Proposta de Profeto de “Regulamento de utilização de espaços que integram os estabelecimentos escolares fora do período das atividades escolares”.

-----Para constar ao público este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo do Município. -----

Espinho, 30 de agosto de 2022.

O Presidente da Assembleia Municipal,

(José Carvalhinho, Dr.)

#### Ficha Técnica

**Diretor** Henrique Neves  
**Vice-Diretor** Ricardo Gouveia  
**Editor e Redator Principal** Joel de Oliveira  
**Projeto gráfico** António Coxito  
**Redator** Rafael Oliveira  
**Fotografia** Joel de Oliveira  
**Paginação** Beatriz Silva  
**Apoios e Parcerias** Cristina Novo  
**Publicidade** Margarida Pinho  
**Tesouraria** Cristiano Ribeiro  
**Promoção Institucional** Catarina Ferreira

**Colaboradores** André Ramada, Fausto Neves, Rosa Amaral, Mário Gandra, Maria Rovisco, Henrique Praça, Herminia Milheiro e Ana Maria Vizeu

**Redação e Paginação** Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho  
**Telefone** 227 331 355  
**E-mail** jornal@mare-viva.pt  
**Redação e Secretaria** Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho  
**Telefone** 227 331 357

**Propriedade** Nascente – Cooperativa de Acção Cultural, CRL  
 Rua 62 n. 251 4500-366 Espinho  
**NIF** 500 615 268  
**Número de registo do Título** 104499, de 28/06/76  
**Depósito Legal** 2048/83

*Os textos de Opinião publicados nesta edição são da inteira responsabilidade dos seus autores, não vinculando, direta ou indiretamente, o cariz editorial e informativo deste jornal.*

#### Estatuto editorial:

O Maré Viva, enquanto propriedade de uma Cooperativa de Ação Cultural e Jornal de carácter regional, propõe-se:

- Noticiar de forma independente, objetiva e isenta, todos os factos importantes da vida política, social, cultural e desportiva regionais;
- dar um especial ênfase a todas as manifestações de carácter cultural, procurando, com a respetiva divulgação, contribuir para o fomento cultural da região;
- Defender sempre, de forma intransigente, os princípios constitucionais da República Portuguesa, procurando, desse modo, contribuir para que sejam alcançados os grandes designios nacionais;
- Respeitar os princípios deontológicos da imprensa e a ética profissional, de modo a não poder prosseguir apenas fins comerciais, nem abusar da boa fé dos leitores, encobrindo ou deturpando a informação.

# cultura agenda



8 DE SETEMBRO - INICIATIVA  
**Conta-me Histórias, com Miguel Araújo**  
 Grande Auditório do Fórum da Maia  
 21h30 - 23h00

No dia 8 de setembro, pelas 21h30, Miguel Araújo volta ao Fórum da Maia, desta vez para contar algumas histórias do seu percurso profissional e para interpretar alguns dos seus temas musicais, numa sessão do "Conta-me Histórias". O "Conta-me Histórias" é um ciclo de conversas-concerto com conhecidos músicos e artistas do panorama musical português, onde são entrevistados em palco, num ambiente intimista, e onde partilham e revelam particularidades do seu percurso profissional, como o processo de criação. Ao longo da conversa interpretam alguns dos seus temas mais conhecidos do seu repertório musical, num formato acústico, fazendo-se acompanhar de uma guitarra ou outro instrumento musical. Trata-se de um formato irreverente, por onde já passaram grandes nomes da música portuguesa. A conversa é conduzida por dois entrevistadores, designadamente o programador cultural e jornalista musical Artur Silva e o jornalista e crítico literário Tito Couto. Estes, enquanto mediadores da conversa-concerto, interagem com os artistas, de uma forma informal, descontraída e com algum sentido de humor.



8 DE SETEMBRO - CONCERTO  
**Esteves**  
 Casa da Música  
 22h00

Depois da estreia a solo com o longa-duração Esteves (2019), o vocalista e letrista dos Trêspercento mantém-se fiel à folk hipnotizante e traz-nos hoje O Alpinista, repleto de canções simples, vestidas de arranjos ricos e delicados. Para o segundo disco, Esteves contou com o precioso contributo dos músicos David Pires (Os Pontos Negros), David Santos (Golden Slumbers/Márcia), João Gil (Diabo na Cruz/ You Can't Win, Charlie Brown), JP Mendes e Raquel Merrelho. Não é necessário o levantamento de bilhete. Entrada está limitada à lotação do espaço.



9 DE SETEMBRO - CONCERTO  
**Bang Avenue**  
 Plano B  
 22h00

Nascidos do encontro de Guilherme Marta e Leonardo Patrício, dois jovens músicos e compositores que se conheceram no seu tempo de estudos, em Aveiro, os Bang Avenue chegam ao Plano B, no Porto, com "Album" na bagagem, o seu primeiro disco de originais, lançado no início de maio. O concerto promete ser um desafio ao status quo, numa fusão entre os universos do rock e da eletrónica. O primeiro EP do duo, "Not an Album", surgiu em 2019.



9 A 11 DE SETEMBRO - INICIATIVA  
**Torneio de Futebol de Rua**  
 Associação de Futebol Popular do Concelho de Espinho

Em estreita articulação com a Câmara Municipal de Espinho, e dando resposta ao desafio lançado, a Associação de Futebol Popular do Concelho de Espinho (AFPCE) promove de 9 a 11 de setembro, a primeira edição do Torneio de Futebol de Rua. Pretende-se com esta iniciativa promover a inclusão social, a capacitação e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais através do futebol, pelo que a mesma contará com a parceria de diversas entidades públicas e privadas. Podem participar no Torneio, todos os jovens (rapazes e raparigas) com idades compreendidas entre os 6 e 12 anos, à exceção do futebol adaptado. As pessoas participantes devem estar integradas em projetos sociais ou a ser acompanhados por instituições de âmbito social e desportivo, sendo através destas que podem integrar uma equipa.



10 DE SETEMBRO - INICIATIVA  
**Visita orientada ao Parque de Serralves**  
 Serralves

10€ (adultos); entrada gratuita para crianças até aos 12 anos

A arte e a paisagem definem o Parque de Serralves e os seus caminhos são o veículo que usamos para o explorar de forma atenta. A diversidade conta com a presença de árvores notáveis, diferentes jardins temáticos, uma organização espacial e diversidade biológica singulares em plena teia urbana do Porto. A relação com os espaços arquitetónicos envolventes fazem deste Parque uma das maiores referências paisagísticas portuguesas, onde os percursos desenhados sob a forma de visitas orientadas, procuram promover, sensibilizar e consciencializar para a importância da biodiversidade presente. O ponto de encontro será na bilheteira exterior, e as inscrições são obrigatórias, e devem ser formalizadas até às 17h00 da sexta-feira anterior.



10 DE SETEMBRO - CONCERTO  
**Orquestra Sinfónica do Porto nos Aliados**  
 Avenida dos Aliados  
 22h00

Cartão-de-visita de muitos dos compositores mais criativos da história, as aberturas de ópera têm a missão de captar o ouvinte e de o preparar para o drama que se vai desenrolar em palco. No ano em que se assinala o regresso à Avenida dos Aliados, a Sinfónica brinda o público com algumas das mais célebres aberturas do repertório, todas elas obras que se emanciparam das óperas e que hoje integram o catálogo de orquestras do mundo inteiro.



11 DE SETEMBRO - CONCERTO  
**Daguida**  
 Coliseu do Porto - Ageas  
 18h00

Os Daguida apresentam-se como operários da lusofonia, que a partir da sua fábrica de canções, observam a condição humana, exposta na virtude e no defeito. Dão voz àquilo que muitos pensam, mas poucos dizem. Amigos de escola, catequese e festas punk, Yuran, Gecko e Koala não conhecem o medo quando se trata de cumprir a sua missão. Criam com o objetivo de derrubar preconceitos e desfazer verdades totalitárias. Munidos de amor e rebeldia vão desenhando a banda sonora das suas vivências. Do seu baú, os Daguida lançam batidas rock, ritmos africanos, guitarras bem talhadas e vozes de manifesto. Com um discurso trágico-cómico, colocam a nu as questões da existência coletiva, num exercício puro de liberdade e apelo a cada ser humano para que "faça a sua parte da paz"! Aqui ou em qualquer lugar. No Novo Ático, os Daguida vão apresentar o álbum de estreia "À Porta de Casa", um manifesto aos valores da fraternidade.



ATÉ 14 DE SETEMBRO - CINEMA  
**O agente das sombras**  
 Centro Multimeios de Espinho

5ª, 6ª e domingo - 16h00 e 21h30; 3ª e 4ª às 16h00

Travis Block é um agente secreto do FBI encarregado de retirar agentes infiltrados de situações perigosas, que se vê envolvido numa conspiração letal quando um agente infiltrado começa a questionar as pessoas para quem trabalha. Block não só tem de encontrar o agente, como também descobrir a verdade. Uma verdade que pode até abalar o seu questionável código moral. Este thriller, com toques de ação, conta com Liam Neeson no papel principal.

# educação

## "APRENDER, APRENDER SEMPRE.."

Ui! Escrever sobre a abertura das escolas, o Ensino, em escassíssimos 4500 caracteres para a avalanche de estrelas e de negritudes que luzem na minha cabeça. Que eliminar, onde concentrar a charla?

Podia começar despididamente pelo caso pessoal de recordista em precariedade e vínculo mais do que serôdio no ensino superior público; ou pelo caso de familiar directo, vítima das mandíbulas ministeriais, monstro devorador da saúde e do entusiasmo de tantos jovens docentes, agora descrentes.

O Ensino é uma das mais apuradas armas ideológicas<sup>i</sup> do sistema capitalista do nosso (des)contentamento<sup>ii</sup>. Nada se altera nele por acaso ou por capricho: o Ensino Público está a seguir as pisadas das outras grandes áreas, votadas, pelos centros de decisão de que usufruímos o privilégio de lá termos sido metidos, à progressiva desresponsabilização estatal – deixa-se degradar o Público para que o Privado surja como redentor da situação, mantendo-se (ou nem isso!) o primeiro num nível de assistencialismo redentor das consciências salazarentas: "Escola para os pobrezinhos"! A crise do Capitalismo necessita vitalmente de novas, fáceis e poderosas áreas de negócio: o Ensino, a Saúde, a Segurança Social, a Água (a tal que as barragens privatizadas esvaziam e vendem em período de seca, de preço em alta e de cúmplice silêncio mediático...).

Numa segunda linha de força, lembro-me da realização em Lisboa no início do século, de uma Conferência Mundial da Unesco sobre a Arte na Educação. Damásio, na sessão de abertura, alertava para o desequilíbrio dos estímulos curriculares do sistema de ensino, dirigidos aos cérebros cognitivo e emocional (noções do próprio Damásio). Se o cognitivo tem vindo a ser super-estimulado

pela Matemática, pela Informática – e seus múltiplos derivados do dia-a-dia – e pelas Ciências em geral, o cérebro emocional tem sido fragilizado nos currículos pela redução das suas mentoras: as Humanidades e as Artes. Se o desenvolvimento do cérebro cognitivo aumenta a capacidade pragmática de resolução rápida dos problemas de cada momento, é o segundo que os relaciona numa possível lógica de valores, que os integra no património cultural do passado, que com eles especula o futuro, dentro de um espírito colectivo de cidadania, de cultura, em suma. Não preciso de gastar mais caracteres para enxergarmos a cada dia os efeitos do desequilíbrio curricular atrás referido.

Foi nesse caminho de desequilíbrio que actuaram Mariano Gago e as suas fundações de tubarões, que dominam as nossas universidades, humilhando as tradições de autonomia e de Saber que nem o fascismo conseguiu abater; Sócrates e Lurdes Rodrigues, na rasteira imposição de degradação social e material do estatuto de professor; mais distante, Sottomaior Cardia ao dar a primeira machadada na gestão democrática dos estabelecimentos de ensino após o 25 de Abril.

Sem saber o que escolher dos ainda muitos assuntos conexos, cá ficam algumas preocupações quanto ao ensino ambicionado: o estímulo obrigatório à curiosidade insaciável e crítica, normal apanágio de todo o jovem; prática democrática (severa condenação de quem obstaculiza incredivelmente a vida associativa estudantil!); ao desenvolvimento da leitura e das formas de expressão (pulum Rambo em sms's e redes sussiais); ao gosto pela Arte e pela Música em especial. (Para quando acabarmos com as "orquestras de correntes de ar desafinado", vulgo flautas de bisel, e pormos tudo a cantar, recuperando o orgulho que nos foi roubado?)

A constatação final de que os professores se especializaram em ensinar. Não em fazer trabalho administrativo e burocrático que nada tem a ver com a sua formação e pelo qual são avaliados. Ensinam o que os alunos (e os pais!) não sabem. Numa sociedade de premeditadas e obsessivas repetições ad nauseam do que "está a dar" e de rejeição de tudo o que põe em causa a nossa ruminante rotina, a função do Professor precisa de proteção e, sobretudo, de muito respeito e carinho.

Nota: Conheci o ministro da Educação como secretário de estado, numa reunião consultiva sobre ensino musical. À boa impressão

deixada pela comunhão com as preocupações surgidas sobrepôs-me o pedido final: que fizéssemos lobby nos jornais para que o ME fizesse as alterações sugeridas! (Além de tudo o que atrás se disse, ainda temos estas idiosincrasias caseiras...)

i Pois é!... O "fim das ideologias" costuma brincar com o Pai Natal no dia 30 de cada Fevereiro...

ii Juntar ou ignorar, a gosto, a sílaba entre parêntesis.



### Fausto Neves

Pianista, professor e investigador na Universidade de Aveiro, doutorado em Música.

Concertos nas principais salas e festivais nacionais, assim como na Suíça, França, Itália, Luxemburgo, Espanha, Brasil e Canadá. Laureado de vários certames, membro de júris de concursos nacionais e internacionais, solista de múltiplas orquestras, colaborações com numerosos maestros e instrumentistas de nomeada.

Foi docente de todos os níveis de ensino nos Conservatórios de Música de Genève e de Sion (na Suíça), na Academia e Escola Profissional de Música de Espinho, no Conservatório de Música do Porto e na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (IPP).

É muito solicitado para orientar cursos de Interpretação Pianística, assim como de Formação de Professores de Instrumento.

Dirige o Coro "Amigos da Música" de Espinho. Dedicou muito do seu tempo livre à vida associativa e político-partidária espinhense.

Foi vogal da Assembleia Municipal em vários mandatos e primeiro candidato à Câmara Municipal pela CDU.

PUB



# TRANSFORMAR A ESCOLA, UM DESÍGNIO DE TODOS

## Que reformas são mais urgentes? O que deve ser mudado?

Sob a égide do Secretário-Geral das Nações Unidas, António Guterres, nos dias 16, 17 e 19 de setembro, decorre em Nova Iorque a Cimeira para a Transformação da Educação<sup>i</sup> («Transforming Education Summit»), procurando colocar a educação no topo da agenda política global e maximizar a consciência e o envolvimento da sociedade, em geral, numa visão sobre os sistemas de educação do futuro. Do conjunto de ações preparatórias, destaca-se a pré-cimeira interministerial que ocorreu em Paris (28 a 30 de junho), a qual foi antecedida por auscultações em cada país. Em Portugal, o Ministério da Educação promoveu uma Consulta e Reflexão Nacional<sup>ii</sup> (8 de junho), com o objetivo de mobilizar a sociedade, as comunidades e os parceiros interessados, para um compromisso em torno de um novo caminho para a educação, convidando os vários intervenientes a discutirem os eixos de ação estruturantes e a apresentarem propostas. Da consulta realizada, foi elaborado um documento de trabalho que teve por objetivo servir de suporte à participação de Portugal (em junho, Paris, e setembro, Nova Iorque).

Qual é, então, a importância da realização desta Cimeira, reconhecida que está a existência de uma crise de educação global que foi acentuada pela situação pandémica que se vem vivendo? Em que áreas é essencial intervir no sentido de transformar a Educação? Que reformas são mais urgentes? O que deve ser mudado?

Esta cimeira surge, entre outros fatores, na sequência da constatação de que o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4<sup>iii</sup> – Educação de Qualidade para todos – não será atingido até 2030 se não houver uma transformação da educação em cinco áreas (eixos de ação): 1. Escolas inclusivas, equitativas, seguras e saudáveis; 2. Professores, ensino e profissão docente; 3. Aprendizagem e competências para a vida, trabalho e desenvolvimento sustentável; 4. Aprendizagem e transformação digital; 5. Financiamento da educação. Estas são, portanto, as áreas em que as reformas são mais urgentes.

Pretende-se promover um esforço de cooperação global para ajudar as centenas de milhões de crianças e jovens que estão privados do seu direito à educação de qualidade e, por outro lado, apesar dos progressos feitos nas últimas décadas, habilitar os sistemas de educação para enfrentarem os grandes desafios dos próximos anos em que terão de evoluir para acompanhar e apoiar a transformação das sociedades até 2030

(veja-se a importância do digital na Escola, em particular, e na Sociedade, em geral). Trata-se de antever os Futuros da Educação<sup>iv</sup> considerando as mudanças significativas que já ocorrem e as que ocorrerão no mundo do trabalho; o surgimento de inovações técnicas/tecnológicas que desafiam os propósitos educativos; a realidade da emergência climática; e, ainda, uma perda geral de confiança nas instituições.

A Escola, como instituição, não deixa de ser um fiel barómetro social, pelo que é importante que cada um de nós contribua para uma visão coletiva da sua transformação.

Aqui cabe, em especial, um papel determinante aos jovens, aos estudantes – eles são o cerne da Escola – não só os envolvendo nas reflexões, na auscultação de propostas, mas assumindo de igual modo o seu contributo, como pares, na ação para a mudança, para a transformação (da sala de aula à Escola, ao sistema educacional).

Todavia, não podemos minorar a importância dos professores e de todos os profissionais da educação, sendo essencial empoderá-los, dar-lhes condições condignas de trabalho e reconhecendo de modo efetivo o importante papel social que desempenham. Dos professores espera-se a capacidade de antecipação e de acompanhamento das mudanças (a situação pandémica pô-los à prova e, na sua maioria, superaram as expectativas), na procura de solução dos desafios que lhes são colocados (da sala de aula à comunidade, ao sistema educacional). Deverá estar, sempre, no seu horizonte de intervenção (ensino) a melhoria da aprendizagem dos jovens (não esquecendo que o que designamos hoje de jovem, não é o mesmo que há 10, 20 anos).

Obviamente, o busílis encontra-se no financiamento: Quanto terá o Estado de investir em Educação, em % do PIB?

A despesa em Educação em % do PIB decresceu nos últimos 20 anos (6,29% em 2000, para 5,01% em 2020) e é bem visível o impacto desse desinvestimento. Poder-se-á garantir que a Transformação da Educação não seja mais uma “lista de intenções”<sup>v</sup> sem a assunção clara de que é necessário reforçar o orçamento da Educação?

Se a educação é a arma mais poderosa que se pode usar para mudar o mundo (N. Mandela), investir na educação, especialmente a dos jovens, é garantir essa mudança.

<sup>i</sup> <https://www.un.org/en/transforming-education-summit>

<sup>ii</sup> <https://www.dge.mec.pt/noticias/transforming-education-summit-2022>

<sup>iii</sup> [Objetivo 4: Educação de qualidade - Nações Unidas - ONU Portugal \(unric.org\)](https://www.un.org/pt/objetivo-4-educacao-de-qualidade-nacoes-unidas-onu-portugal-unric.org)

<sup>iv</sup> [Relatório UNESCO sobre «Os Futuros da Educação» \(2021\)](https://www.unesco.org/pt/relatorio-unesco-sobre-os-futuros-da-educacao)

<sup>v</sup> Veja-se o OE para 2022: <https://oe2022.gov.pt/areas-governativas/educacao/>



## Rosa Amaral

Licenciada em Ensino de Português e Francês, pela Universidade de Aveiro (1990), Mestre em Supervisão Pedagógica em Ensino do Português, pela Universidade do Minho (2009).

Tendo iniciado a atividade docente em 1988 na Escola Preparatória de Esgueira (Aveiro), lecionando Português e Francês, realiza o estágio pedagógico (1989) na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira (Espinho). Em 1990, passa a docente do Quadro e em 1991 faz parte da Equipa de Francês do CPTV-EBM. Em 1993, passa a exercer na Escola Secundária de Rio Tinto e atualmente, desde setembro de 1996, é docente na Escola Secundária do Castelo da Maia (AE de Castelo da Maia), onde, para além de lecionar português (3.º Ciclo/Ensino Secundário), integra a Equipa de Coordenação das Equipas Pedagógicas e a Equipa de Coordenação da Estratégia de Educação para a Cidadania na Escola. Desde 2012, é formadora acreditada do CFAE MaiaTrofa.

PUB



# SOBRE EDUCAÇÃO HOJE

A Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei Nº 46/86) consagra as obrigações constitucionais do Estado na consecução de uma prática política que deve garantir a todos os cidadãos uma "justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares (...) incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho". A LBSE foi aprovada por todos os partidos com assento na A.R. na época e, ao longo destas 3 décadas e meia, foi alvo de apenas 3 alterações, sendo uma para integrar os princípios de Bolonha. Houve uma tentativa da direita para impor uma outra lei, mas não vingou.

Em 2017, o Conselho Nacional de Educação publicou os resultados de uma relativamente extensa reflexão sobre a manutenção/melhoria da lei atual, ou a necessidade de uma lei nova. A verdade é que a Lei de 1986 continua em vigor. Dir-se-ia que, com tais unanimidade e longevidade (singulares no nosso panorama legislativo), tudo vai bem no reino da Educação.

Contudo, mantendo a LBSE, no fundamental, a sua configuração original, foram introduzidas no sistema educativo mais de 2 dezenas de reformas. Isto é, os diferentes governos que se foram sucedendo fizeram reformas educativas, alguns mais que uma. Ou seja, a Lei mantém-se, mas é suficientemente flexível - ou pelo facto de o ser se vai mantendo - para aguentar reformas diferenciadas (por vezes, muito) na sua fundamentação ideológica e pedagógica, com diferentes contornos organizativos, com efeitos bastante dispares. Estas reformas têm intervindo no sistema, muitas vezes, de forma contraditória, várias sem tempo para se implementarem e, por regra, decretadas pelos sucessivos governos sem a devida e atenta discussão com os professores, com os alunos e famílias, os assistentes operacionais, e outras forças vivas que têm influência no quotidiano da Escola, no caso maior das Autarquias, e também sem terem sido convenientemente avaliadas. De reforma em reforma, chega-se ao início de cada ano letivo e a comunicação social faz

as suas manchetes com listas dos problemas da Educação, uns "retidos" dos anos passados, outros entretanto avolumados, alguns aparecendo como novos.

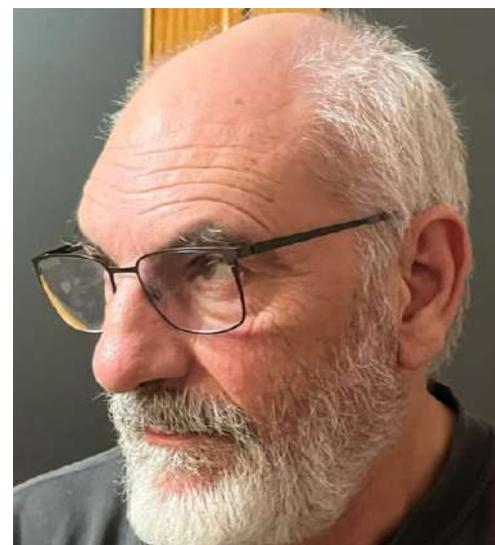
Todavia, nunca será demais notar que desde o 25 de Abril o País atingiu um desenvolvimento educacional notável. De 35% de analfabetismo no tempo do fascismo passámos para níveis de escolarização de país desenvolvido. No PISA (Programme for International Student Assessment), p.e. - muito referenciado em estudos de educação comparada, apesar de limitações importantes - que avalia no Mundo, trienalmente, literacias de leitura, ciências e matemática dos alunos de 15 anos, os alunos portugueses têm apresentado bons resultados, acima de médias da OCDE. O ensino obrigatório vai hoje até ao Secundário e cresceu exponencialmente a taxa de frequência do Ensino Superior. Portanto, numa ótica macroscópica longitudinal, pode afirmar-se que a nossa Educação se desenvolveu imenso, em menos de meio século.

Mas é esta educação que serve o Povo e o País? Se a geração mais qualificada que conseguimos produzir não está satisfeita com a sua situação, há escassez de empregos compatíveis com o grau académico dos jovens, a precariedade é regra, os salários são, muitas vezes, vergonhosos, parece que, afinal, algo vai mal por estas bandas...É lícito, pois, procurar soluções, sobretudo quando, para além dos problemas avulsos normalmente identificados (carreira docente degradada; envelhecimento e falta de pessoal docente e não docente; falta de condições de trabalho, indisciplina, falta de tempo dos encarregados de educação, etc.), cada vez há mais investigadores e pedagogos a defenderem que precisamos de uma verdadeiramente nova Educação, com uma realmente nova Escola centrada nos Alunos, que consiga responder mais adequadamente ao nosso tempo. Uma Educação para o Século XXI!

A Escola não é uma ilha salvítica! Hoje, nem sequer cumpre como antes uma função de mobilidade social. A Educação é um produto sociopolítico (e económico) e reflete

(tendendo a reproduzir) as estruturas da sociedade que a engendra.

Na busca de soluções para a Educação e para a Escola que ao Estado compete, antes de outros, organizar, convém ter consciência de que, como alertava Vygotsky, os factos a analisar estão indissociavelmente impregnados de filosofia, e que é imprescindível conhecer a filosofia do facto e a sua interpretação. Indagando sobre Educação, necessariamente se questiona a sociedade que a integra. Transformar a Educação e a sua Escola implica e implica-se na transformação da sociedade que temos.



## Mário Gandra

Professor do Ensino Superior aposentado. Doutoramento em Ciências da Educação - Criatividade e Educação Artística - pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. Master em Criatividade Aplicada pela Universidade de Santiago de Compostela.

Licenciado em Educação Visual. Lecionou no 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico. Foi presidente do Instituto Superior de Ciências Educativas do Douro. Dedicou-se, como docente e responsável institucional, durante cerca de 2 décadas, à formação de professores.

## PUB

**Terra Viva Restaurante & Merceria BIO**  
Rua 27 Nº715 e 722  
4500-287 Espinho

**Dr. Rúben Monteiro**  
Clínica Médica Dentária

Implantes  
Ortodontia  
Prótese fixa  
Branqueamento

Rua 23, nº 838  
Espinho  
T. 220 180 620

**Rui Abrantes**  
Advogado

Rua 18, N.º 582 - 1.º Dt.º  
4501-901 - Espinho  
Tlf: 227 343 811  
E-mail: ruiabrantres-1642c@adv.ao.pt

# APRENDER NA NATUREZA



Vive em nós uma imagem de escola organizada em salas, turmas, disciplinas, edifícios preferencialmente estruturados, com horários pré-estabelecidos, crianças e jovens em silêncio, ouvindo... Alguns mais velhos acrescentam a esta memória, reguadas e castigos variados que, felizmente, não têm paralelo nos nossos dias! A Escola tem vindo a mudar, mas terá sempre fraquezas criticáveis e virtudes incomparáveis. Umhas e outras devem ser alvo de reflexão, crítica construtiva. O pouco tempo de que as crianças dispõem para conviver ao ar livre (abstenho-me de elencar as razões para este facto, julgo que a maioria não é culpa da escola ou das famílias), o afastamento das plantas vivas e dos animais livres, o desconhecimento do orvalho e do tempo a crescer, sem campanhas nem telemóveis, é um dos grandes problemas que se impõe no futuro de muitas crianças. Estão estudadas as consequências da falta de proximidade com a natureza e muitas são bastante comuns e facilmente as reconhecemos – iliteracia motora, obesidade, violência, hiperatividade... Não é obrigatório que seja assim! Numas férias de Verão, um acampamento com a família é desde há muito um programa consensual, embora para muitas crianças nem essa possibilidade exista e a parte lúdica resume-se a ver televisão ou, com sorte, ler um livro. Lembro Baden-Powell que em 1908 publicou o seu manual "Scouting for boys" sobre os benefícios da vida ao ar livre, procurando afastar a juventude de uma vida sedentária. Também hoje os jovens acampam, tomam banho nos rios e aquecem a comida em fogueiras, mas lastimavelmente, poucos aprenderam a respeitar o espaço natural, deixar limpo o terreno e estimar um bem que a todos pertence. Ninguém lhes proporcionou um tempo de experimentar, criar hábitos de amor pelo que cresce na terra e vive entregue a si mesmo. Desde os anos 50, nos países nórdicos, começou a ser desenvolvida, sistematizada, uma outra linha de viver a escola e as aprendizagens

– ao ar livre, recuperando saberes antigos e um contacto com a natureza que na vida das cidades se tinha perdido. A utilização destes princípios no livro de Joseph Cornell, publicado em 1979, *Sharing Nature with Children*, propunha uma experiência imersiva no mundo natural, a criação de recursos de bem-estar e a aprendizagem prática de ecologia e ciências naturais, para crianças e adultos, em contextos informais, não escolares. Hoje, o movimento *Sharing Nature* está por todo o mundo, da Europa à China, do Japão aos USA, trabalhando capacidades esquecidas, com jogos para fazer, observar sentir, e pensar sobre a coexistência de pessoas e natureza. Em 1993, um grupo de educadoras britânicas conhecedoras da experiência dinamarquesa implementou um programa próprio, com tal sucesso que o País de Gales, a partir de 2000, apoiou a formação de educadores e professores nesta vertente da *Forest School*. Em Portugal, começou-se em 2017, propondo atividades extracurriculares ou acampamentos nas férias. Um pouco, aos poucos, por todo o país foram surgindo escolas e a adesão a esta possibilidade de aprendizagem. O Movimento Bloom é apoiado pela Fundação Gulbenkian e pretende "uma ligação direta, emocional e profunda entre uma criança e a Natureza", proporciona um programa de contacto direto com a Natureza, aprofundando o conhecimento de componentes do currículo mas deixando tempo e oportunidade para a criança escutar e conhecer os sons da floresta, descobrir e trepar às árvores, construir abrigos, fazer fogueiras, criar obras de arte, utilizar ferramentas... e muito mais. Procura-se uma profunda essência formativa. As primeiras escolas, dedicadas a acolher crianças no pré-escolar, com os pequenitos a brincar à chuva, a fazer bolinhos de lama e a abraçar as árvores, marcaram uma viragem! Há muito que os pensadores da Pedagogia estabeleceram as três linhas mestras da formação humana – aprofundar as relações consigo próprio

(ser subjetivo), com os outros (ser social) e com o meio envolvente (ser objetivo). A proximidade, a intimidade com a beleza do mundo natural traz a cada um de nós, crianças ou adultos, mais-valias preciosas que se refletem em várias áreas da vida. Se cada jardim de infância, escola ou agrupamento de escolas integrar estas preocupações nas suas agendas sobrecarregadas, se alguém estiver atento aos sinais de alerta, se este pequeno texto despertar algum interesse por este tema e necessidade de ação, então algo pode, com certeza, mudar.



## Maria Rovisco

Maria Rovisco lecionou entre os anos de 1975 e 2011, no 1º e 2º ciclos e Educação Especial. Desempenhou vários cargos de direção e coordenação de escolas e equipas. Ao longo da sua carreira incentivou a participação dos estudantes em inúmeras iniciativas relacionadas com artes plásticas, teatro e jornais escolares. Professora, curso do Magistério Primário, licenciada em Ensino de Português/ Inglês, doutorada em Metodologias de Aprendizagem.

PUB INST

 **maré viva**  
a maré chega pelo correio

12€ / ano



tesouraria@nascente.org.pt

ASSINATURA DIGITAL

 **maré viva**

# REGRESSO À CASA DE PARTIDA



August Summer de Denise Dalzell

Após 21 anos como professor efetivo de ciências e matemática do 2º Ciclo do Ensino

Básico, em Coimbra, e um interregno de 16 anos, regresssei em 2022 ainda que por escassos quatro meses, agora para lecionar Ciências Naturais do 3º Ciclo numa Escola de Gondomar. Tempo suficiente, no entanto, para sentir e avaliar mudanças, transformações ou mutações, não tanto na Escola enquanto lugar (no sentido que lhe atribui Marc Augé em contraponto ao não-lugar), mas sim nas transformações sociais e culturais com reflexos na escola enquanto organização, nos alunos, nos docentes e nos pais e encarregados de educação. Apenas um apontamento, subjetivo e circunstancial, que o curto tempo de regresso mais não permitiu. Neste intervalo de tempo de mais de uma década e meia, os recursos didáticos sofreram uma alteração enorme, em diversidade de suportes, na qualidade e rigor dos conteúdos, em parte muito se devendo às editoras e aos meios digitais. Para uma ciência experimental em que o laboratório (ou o campo) é fundamental, exige-se hoje e disponibilizam-se agora tempos letivos com turmas desdobradas e melhores espaços de laboratório. Os professores, os alunos e os pais e encarregados de educação têm agora mais recursos especializados ao seu serviço, alguns dos quais fora da escola, a ver pelos gabinetes e presenças em reuniões de turma. Numa dessas reuniões contei 14 pessoas, entre docentes, psicólogos, professores coadjuvantes, professores do ensino especial. O professor, e em particular quando assume o cargo de diretor de turma, não é apenas um docente especializado numa disciplina, preparado pedagogicamente, exigem-se-lhe capacidades de diagnóstico de um vastíssimo conjunto de especificidades da criança ou do jovem em desenvolvimento que vão do contexto familiar, ao histórico de saúde, da inserção e relação entre pares à psicologia comportamental, entre muitas outras valências. E na sua relação com os pais e encarregados de educação, um professor transforma-se rapidamente em velho professor. Porque, para além do desgaste

físico e psicológico que esta profissão acarreta, tem de ouvir tantos pais falarem-lhe tanto dos filhos, ao mesmo tempo que falam deles próprios, e tantas descrições de vidas particulares, de divórcios, de histórias familiares, de doenças, de crianças e adolescentes que não conseguem controlar, das más companhias, dos afetos perdidos, fracassos repetidos, exaustão pelo trabalho, tantos e tantos motivos que retratam a sociedade em que vivemos. Talvez a grande diferença para as décadas anteriores esteja na intensidade e na complexidade destas histórias pessoais, familiares (também elas de geometrias variável), e das exigências para com a escola. Hoje a escola tem, obrigatoriamente, um Plano de Atividades Anual. Nesta onde estive contavam-se dezenas de atividades inscritas, umas relacionadas com as disciplinas curriculares, algumas em formato de clubes associados a iniciativas nacionais, como é o caso do Programa Ciência Viva, ou mesmo europeias, como é o caso dos Programas Erasmus+, sete nesta escola para um período de três anos, sobre os mais variados temas: património, ambiente, diversidade, inclusão, ciências e, a título de exemplo, o BWB – Birds Without Borders. Participam escolas de muitos países europeus e, especialmente em maio e junho, não havia uma semana em que alunos e professores não estivessem na Noruega, na Itália ou na Estónia, e na escola não estivessem alunos e professores da Turquia, da Espanha ou da Polónia, entre outros. Em 16 anos, que diferença! Deixo para o fim, os alunos. E começo por citar Daniel Pennac, no seu livro “Como um romance”: “Hoje em dia os adolescentes são clientes de parte inteira de uma sociedade que os veste, os distrai, os alimenta, os cultiva”. Em 1992 (!), falava de marcas de roupa, das cassettes e dos walkman. Atualizando para hoje, falamos do mais radical e ubíquo dispositivo que os acompanha a todo o instante: o telemóvel. Com a sua bateria de aplicações, jogos e redes sociais, ascende à categoria de órgão vital, de prótese, de dependência compulsiva. Durante as aulas, notam-se os sintomas da carência, imediatamente satisfeita em doses de cinco, dez ou quinze minutos, tanto quanto duram os diferentes intervalos entre aulas. Surpreendente é também a agitação permanente que leva à insuficiência de atenção, ou melhor, à dispersão da atenção por múltiplos estímulos em simultâneo, e à correspondente incapacidade de concentração por períodos de tempo mais longos por mais curtos que sejam. Ler um parágrafo de cinco linhas é uma tarefa que não exige apenas a competência técnica de leitura, mas concentração e processamento da informação para a qual é necessária atenção e rejeição de outros estímulos ambientais, isto é, a diminuição de atividade de outros sentidos, como a audição, por exemplo, uma espécie de “surdez” momentânea. Aqueles jovens são

deficientemente capazes de tais momentos de concentração, de atenção focada. E os seus pais? E nós, adultos? Seremos nós menos dependentes do telemóvel? Mais capazes de atenção e concentração? De resto são os mesmos jovens de então, a despertar para sexualidade (assiste nas minhas turmas a excelentes e descomplexadas aulas sobre sexualidade e afetos dada por enfermeiros especializados), cheios de energia e, estou certo, de esperança e de sonhos. Não falei do salto quantitativo de burocracia que pende sobre os professores, em parte por exigência de tudo registar, tudo controlar, para segurança provatória do próprio docente e da escola; não falei das conversas na sala de professores nem da escola demasiado normativa e ainda muito pouco amiga da criatividade, da arte, do espaço ao ar livre. Fiquei sem espaço. E agora volto para a leitura do livro “Se gostaste da escola, vais adorar o trabalho”, de Irvine Welsh. Um provocador!



## Henrique Praça

Aveiro. Licenciatura em Biologia pela U. de Coimbra, Bacharelato em Teatro pela ESMAE-I.P. do Porto e ano curricular do mestrado em Comunicação e Educação em Ciência pela U. de Aveiro. Realizou Erasmus em Film, TV, Theatre, Literature na University College of Ripon&York, U.K. Tem o Curso de Gestão do Conhecimento e Inovação, Academia PME-IPAMEI e o “Creative Trainer” promovido pela Styrian Business Development Agency, Graz, Áustria. Foi professor efetivo de Ciências e Matemática; autor e encenador das peças “Sarajevo Blues” (1999) e “While She Sleeps” (2000); assistente de encenação, dramaturgia e diretor de cena em teatro e ópera, tendo trabalho com encenadores portugueses e estrangeiros. Sócio fundador e diretor da empresa SETEPÉS Projetos Artístico-Culturais Lda (1998-2018), onde teve a seu cargo a conceção de projetos, consultoria, projetos europeus, formação profissional na cultura, gestão editorial da coleção “Públicos”, do livro “PT – Paredes com Teatro (2010), autor e coordenador do estudo “Paisagem com cidade e maçãs vermelhas. Estudo Multidisciplinar sobre o Centro Histórico de Guimarães”.

# AS PESSOAS NAS ESCOLAS

Desde há uns anos a esta parte, as pessoas das escolas (professores, alunos, Pais e E.E., funcionários) estão exaustas. Não é sustentável o que hoje é pedido aos professores e funcionários de apoio à docência; não é sustentável a competição feroz entre alunos; não é sustentável o que as profissões exigem de mães e pais, não se aguenta durante muito mais tempo. É o tempo da tecnologia, dos factos alternativos (das mentiras em grande escala), dos problemas ambientais graves, o Homem está em transição para outro Ser diferente daquele que somos e conhecemos. Nós, adultos mais velhos, deixamos um Mundo com enormes dificuldades para os nossos filhos e netos gerirem e eles terão de enfrentar, como nunca antes foi necessário, a possibilidade de extinção da espécie humana, num planeta degradado pela ganância, pelo lixo e por todos os atentados contra a natureza e o Homem, que a humanidade foi cometendo ao longo de séculos e continua a fazê-lo. E a Educação com tudo isto?

Não bastam uma, ou milhares de escolas, para educar as crianças e os jovens: as cidades, vilas e aldeias têm de participar nesse esforço, através de instituições democráticas, eleitas democraticamente. São os conselhos municipais de educação representativos

da educação local, a quem cabe definir um Projeto Educativo Municipal. Nele cabe o que as escolas decidiram com os seus projetos educativos e muito mais: a educação é uma responsabilidade coletiva. Dentro das escolas, humanização das relações, sem excessos burocráticos; organização e liberdade pedagógica. As pessoas que moram dentro das crianças e jovens precisam de socialização e de professores qualificados (cada professor pode fazer a diferença, segundo estudos já realizados), de maneira que sejam quebrados ciclos familiares de défices de escolaridade e pobreza. O sistema educativo português tem feito um longo e espinhoso caminho. A retórica oficial esteve e está muito distante da realidade das escolas e das famílias. A realidade é muito mais difícil do que os ministérios imaginam com as cativações financeiras a que submetem as escolas e as câmaras municipais: falta sempre dinheiro para fazer o que é preciso, do ponto de vista pedagógico, equipamentos, alimentação, tempos livres, apoios ao estudo, etc. Um sem número de dificuldades que todos tentam superar, muitas vezes, sem o conseguirem. Que é feito do amor pela educação? Que é feito do investimento em educação?



## Hermínia Milheiro

Estudou na Faculdade de Letras do Porto, onde se licenciou em Filologia Românica. Lecionou sobretudo Língua Portuguesa e, menos frequentemente, Francês. Foi professora em várias escolas em Espinho, Setúbal, Lisboa e, finalmente, Espinho, onde foi diretora da escola secundária Dr. Manuel Laranjeira e participou na criação do agrupamento de escolas Dr. Manuel Laranjeira, como presidente da Comissão (CAP). A Comissão era constituída por professoras da escola sede e professoras da ex-direção do agrupamento Sá Couto. Desde 2013, está reformada do Ensino. Distribui o seu tempo por atividades de lazer e pelo ativismo ambiental na Cooperativa Nascente, em Espinho.

## "AFINAL, ESCOLHI BEM A MINHA PROFISSÃO!"

Enquanto menina e mesmo adolescente ser professora não me dizia nada. Pensava com os meus botões "quando for grande quero ser artista!". O mundo do espetáculo (canto, dança, poesia, teatro) fascinava-me. No 7º ano (atual 11º) soube que esse sonho me estava vedado. Escolhi, com pesar, a área da Física, de que gostava, e inscrevi-me em Física-Ramo Científico. Estava preocupada, sem saber o que fazer no futuro, com matéria tão complicada. Queria uns tostões para os meus gastos e resolvi arranjar um trabalho compatível com o meu horário. A vida surpreende-nos em cada esquina. Soube de minis horários noturnos (na altura não iam a concurso) e cedo dei os primeiros passos num percurso que julgava temporário, tendo como companheiros de viagem estudantes trabalhadores que possivelmente também eram peixes fora de água. Essas experiências, pelo contacto humano, pela partilha de saberes e dúvidas, pela comunicação com o outro, preencheram uma parte de mim. Fiz o estágio pedagógico e iniciei a minha travessia pelo deserto, de escola em escola. Atingi o porto seguro na escola Dr. Manuel Laranjeira. O meu percurso profissional foi acompanhado por várias "Reformas do Ensino", umas de forma, outras de conteúdo, visando estas a organização da escola,

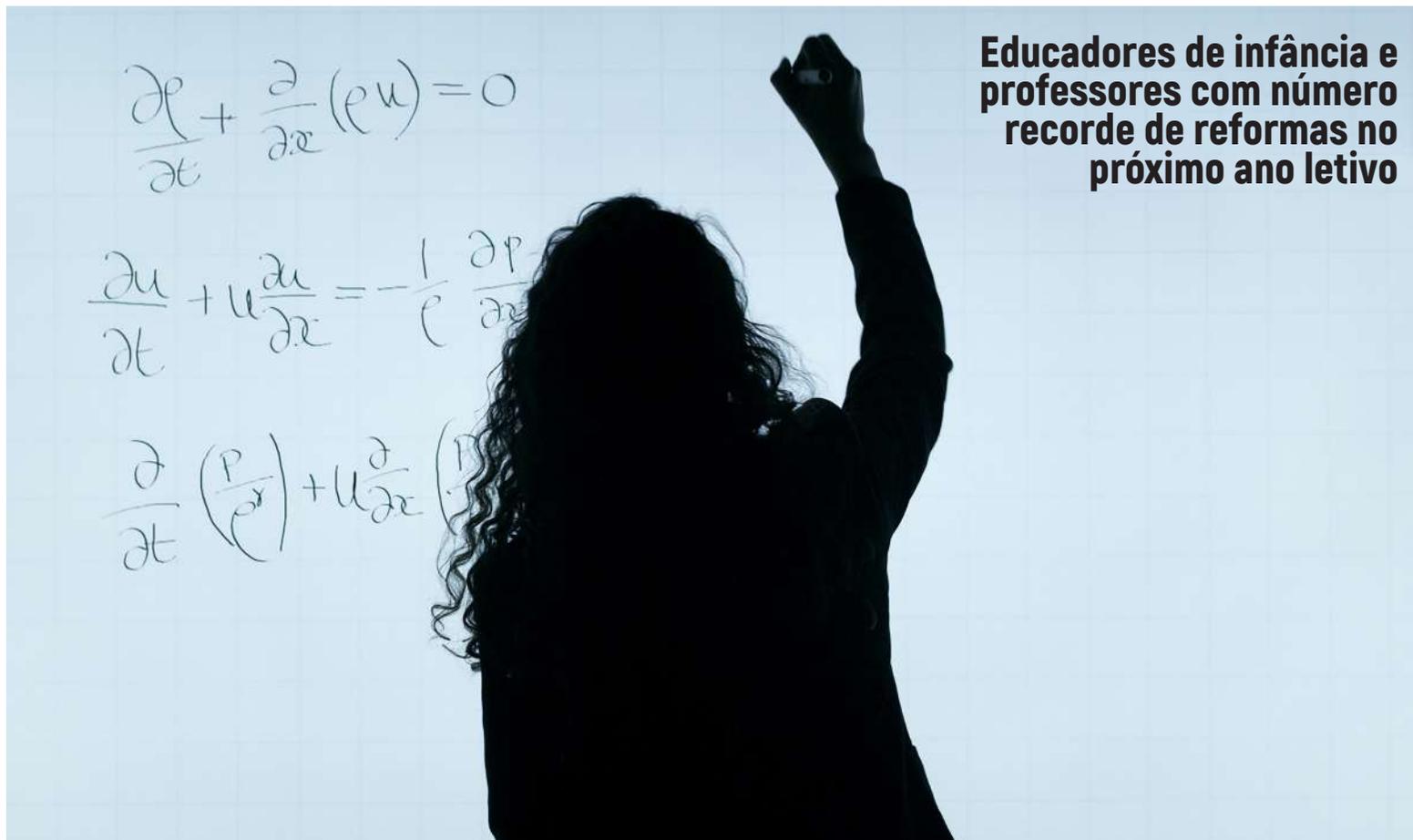
os instrumentos de ensino e a avaliação de docentes e alunos, mas quase sempre desajustadas ao contexto de cada escola. A burocracia, essa, ia crescendo. Inicialmente a avaliação do desempenho dos professores e a subida de escalão eram baseados no tempo de serviço. Seguiu-se a discussão de um relatório na presença de um júri escolhido pela Direção Norte, processo altamente injusto. Veio então a subida por créditos obtidos em formações cuja oferta muitas vezes não era ajustada às necessidades didáticas e pedagógicas dos professores. Também a quase imposição da percentagem de retenção dos alunos criou mal-estar nos docentes e terá obrigado alguns a uma avaliação menos justa. A burocracia desmedida, o não reconhecimento do trabalho empenhado de muitos professores, quer pela escola, quer por alguns encarregados de educação, a falta de medidas concertadas por parte do Ministério da Educação levou muitos professores à exaustão. Seria necessária uma fonte de energia bem positiva para continuar a caminhada. Tive esse privilégio. A convite do dr. António Santos, abracei com ele o projeto "Escola Cultural", uma proposta do dr. Manuel Patrício. Era uma vertente arrebatadora: debates, semanas temáticas, celebração de datas especiais, cafés concerto, janeiras,

entre muitas outras atividades. A Manuel Laranjeira esteve no salão nobre do Casino Solverde, no auditório da Junta de Freguesia de Espinho, no Salão Paroquial, no auditório Multimeios e muitas, muitas vezes no palco do polivalente da escola. E desceu à cidade com o seu grupo de Janeiras, dando as boas festas a milhares de espinhenses. E este foi o aspeto mais gratificante da minha carreira profissional. Não sei se excedi o meu tempo de antena. Mas preciso deste parágrafo final. Agradeço do coração a todos os alunos com quem partilhei saberes e muito aprendi, com quem vivi momentos inesquecíveis e que me ajudaram a concretizar o meu sonho de menina. Quando abro o meu baú das recomendações, estou rodeada por milhares de alunos que me acompanharam e sinto uma saudade muito doce. Afinal, escolhi bem a minha profissão!

## Ana Maria Vizeu

Tirou a licenciatura em Física - Ramo Científico. Nos anos de 1970/71 até 1975/76 lecionou na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira. Em 1976/77 efetuou o estágio pedagógico na Escola Secundária Oliveira Martins (Porto). Em 1977/78 lecionou na Escola Secundária de Arouca, e em 1978/79 na Escola Secundária de Albergaria a Velha. De 1979/80, trabalhou na Escola Secundária da Vila da Feira. De 1980/81 a 2009/2010, foi professora na Escola Secundária Dr. Manuel Laranjeira, onde lecionou as áreas de Física e Química, a opção "Oficina de Teatro", e dinamizou o projeto "Escola Cultural", não integrado no horário.

# espaço cidadão



## Educadores de infância e professores com número recorde de reformados no próximo ano letivo

O próximo ano letivo arrancará com menos 257 profissionais, entre professores e educadores de infância, comparativamente aos que estavam no ativo nas escolas públicas.

Os valores são avançados pelo jornal Público, e também pelo "Estudo de diagnóstico de necessidades docentes de 2021 a 2030". Foram já mais de 1600, os professores e educadores de infância que se aposentaram nos primeiros nove meses de 2022 - valores que constam nas listas mensais de aposentados e reformados na Caixa Geral de Aposentações (CGA).

Em termos médios, este ano, reformaram-

se mensalmente cerca de 185 profissionais, sendo que, até ao final de 2022, o número de reformados poderá ascender os 2220. Se estes valores se vierem a confirmar, será algo que já não acontece desde 2013 - ano em que se aposentaram quatro mil professores e educadores.

"Todos os anos as necessidades de recrutamento vão ser maiores", refere Luís Catela Nunes, que integra a equipa de especialistas da Universidade Nova de Lisboa que, em novembro último, apresentou o "Estudo de diagnóstico de necessidades docentes de 2021 a 2030", encomendado pelo Ministério da Educação.

registada. De acordo com o Eurostat, em 2021, 86,9% dos jovens estudantes portugueses, dos 15 aos 29 anos, não estavam inseridos no mercado de trabalho. Dos restantes, 10,3% estavam empregados, e 2,9% desempregados. Os países que apresentaram maiores percentagens em relação a Portugal, em 2021, foram: a Roménia (97,4%), Eslováquia (95,4%), Bulgária (94,2%), Hungria (94%), Croácia (92,5%), Itália (92%), Grécia (91,8%), República Checa (91,2%) e a Polónia (87,1%).

Através destes dados, a Eurostat constatou que "a rapidez com que os jovens transitam da educação para o mercado de trabalho varia muito entre os Estados-membros da UE". Em alguns países, verificou-se que os jovens começam a trabalhar, por exemplo, sob a forma de trabalho a tempo parcial, de fim de semana ou de estudantes, enquanto ainda participam no ensino formal. Por outro lado, os países com maior percentagem de estudantes a trabalhar enquanto estavam a estudar foram em 2021: a Holanda (70%), Dinamarca (49%) e Alemanha (42%). Em contrapartida, as percentagens mais baixas de emprego entre jovens estudantes foram verificadas na Roménia (2%), Eslováquia (4%), Hungria e Bulgária (ambos 5%).

Fonte: Eurostat; Caixa Geral de Aposentações; Expresso; Público;

PUB



Tel.: 22 732 1000

R. 4 540, Espinho

## Portugal fecha o top 10 da UE na lista de países com mais estudantes sem trabalho

O Eurostat - gabinete estatístico da União Europeia - analisou os números dos vinte e sete Estados membros quanto ao desemprego jovem e à participação dos jovens na Educação, e também no mercado de trabalho.

Em 2021, o território português foi o décimo na UE com mais jovens estudantes entre os 15 e os 29 anos sem lugar no mercado de trabalho, registando uma percentagem de 86,9% - acima de 73,4%, a média comunitária

# o explicador

## O QUE SÃO AS UNIVERSIDADES SENIORES?

Diz-se que o saber não ocupa lugar e que toda a nossa vida é uma aprendizagem. Com o aumento da esperança média de vida, ser-se idoso pode acarretar certos desafios no mundo contemporâneo, como manter-se ativo na sociedade ou acompanhar a rápida evolução do que nos rodeia. As universidades seniores são uma das respostas efetivas nesse combate à exclusão social da população mais envelhecida. Tratam-se de espaços de aprendizagem caracterizados pela troca de conhecimentos e partilha de saberes. Estas instituições têm o propósito de aumentar a qualidade de vida dos idosos através da dinamização de atividades que estimulam a comunicação, aprendizagem e criatividade. Em suma, as universidades seniores são instituições sem fins lucrativos, compostas por um programa de educação de adultos em todo o mundo, que envolvem milhões de pessoas.

### Quando é que surgiu a universidade sénior?

Com base nas fontes consultadas, as universidades seniores surgiram na Europa em 1973, em França, na Universidade de Toulouse. Em Portugal, a primeira universidade é datada de 1976: a Universidade Internacional da Terceira Idade (UITI), em Lisboa. Desde então, várias instituições surgiram de norte a sul do país e, embora as designações possam ser díspares, todas têm o propósito comum de ocupar os tempos livres da população mais idosa de forma saudável, através da Educação. O quotidiano nestas instituições é pautado pela realização de atividades culturais, educativas e sociais que promovam a participação ativa na sociedade. A esta rede de universidades dá-se o nome de RUTIS (Rede de Universidades de Terceira Idade). Surgiu, oficialmente, em novembro de 2005 e trata-se de uma instituição particular de solidariedade social, que presta apoio à comunidade mais idosas e representa todas

as universidades seniores.

### A quem é dirigida?

Todos os idosos são "convidados" a participarem na universidade sénior e fazer parte da comunidade estudantil. É, sobretudo, dirigida a adultos com idade igual ou superior a 50 anos, independentemente do seu grau de escolaridade. No entanto, os alunos seniores devem ter aptidões físicas e psicológicas para a realização de atividades e aceitar os princípios e normas do funcionamento de cada universidade sénior. Por vezes, também os familiares são convidados a assistir ou participar, direta ou indiretamente, em algumas iniciativas. O objetivo primordial da dinamização de atividades regulares é o de gerar aprendizagens num ambiente informal, combater o isolamento da população idosa e a exclusão social.

### Quem são os professores?

Os professores destas instituições têm que ter idade igual ou superior a 18 anos, porém não é exigido qualquer grau académico para lecionar uma determinada disciplina, até porque são baseadas no voluntariado social de formadores e animadores.

### Como funciona a universidade sénior?

O funcionamento das universidades seniores decorre nos dias úteis e em horário laboral, embora algumas possam funcionar em regime pós-laboral. A inscrição é feita mediante o preenchimento de uma ficha de candidatura e no ato da inscrição é efetuado o pagamento do seguro anual obrigatório. Segundo o site "Doutor Finanças", o valor das mensalidades, disciplinas, conteúdos programáticos e atividades desenvolvidas variam e são definidas por cada instituição. A média nacional do valor da "propina" ronda os

12 euros. Os meses de funcionamento variam, mas o habitual é decorrer entre os meses de setembro a junho, com interrupções nas épocas festivas (por exemplo, Natal, Carnaval e Páscoa).

### O que é lecionado?

As disciplinas e atividades podem ser diferentes, mas abrangem áreas como o Desporto, Línguas, Psicologia, Teatro, visitas guiadas, seminários, entre outras ações. Todos os alunos e professores que integram uma Universidade Sénior da RUTIS possuem ainda um cartão de identificação que, mediante a sua apresentação, permite o acesso a instituições parceiras da RUTIS.

### Qual é a dimensão em Portugal?

De acordo com as fontes consultadas, em Portugal as universidades seniores da RUTIS englobam mais de 45.000 alunos, 300 entidades e 5.500 professores voluntários.

Fontes: *Doutor Finanças e Caixa Geral de Depósitos*

PUB



**Barbara Kebab**

Tel.: 224 951 894

Rua 23 N.º50 4500 - 802 Espinho

**Nascente**  
Cooperativa de Ação Cultural



**ANIMARTES**  
Atividades, Cursos e Workshops

auditório  
nascente



# ANI MAR TES 22 /23

**Início das aulas:  
1 de Setembro**

**Inscrições  
Abertas**

**All Girls - Dança Desportiva**

**Atelier de Cerâmica**

**Capoeira**

**Danças de Salão**

babies, crianças e adultos

**Danças Europeias**

**Ginástica de Manutenção**

**Latin Fit**

iniciadas, intermédias, avançadas

**Latin Fit Girls**

(meninas 6 aos 12 anos)

**Pilates**

**Treino Funcional**

**\* Informações**



**Sede**  
Rua 62, 251, Espinho  
Tel: 227 331 357  
924 465 546

**Auditório**  
Rua 16, 1200, Espinho  
Tel: 910 862 689  
animartes@nascente.org.pt